

---

## Apresentação

### Pesquisas no Real Gabinete Português de Leitura

#### Doi

<https://doi.org/10.37508/rcl.2023.n49a925>

É vasta a coleção de pioneirismos e de singularidades do Real Gabinete Português de Leitura. Criado a 14 de maio de 1837, apenas 15 anos após a Independência, é a mais antiga associação portuguesa do Brasil e a mais antiga biblioteca da América Latina fundada por imigrantes, em funcionamento ininterrupto até hoje. Instalado desde 1887 no maior edifício neomanuelino fora de Portugal, foi projetado com grande arrojo arquitetônico para a época, sendo o primeiro do Rio de Janeiro a utilizar o *fer forgé* em sua estrutura. Pela sua beleza, pelo seu acervo e pela sua importância a vários níveis, foi o único “gabinete” a receber o título de “Real”, outorgado em 1906 pelo Rei D. Carlos I. Em 1935, obteve do governo português o benefício do “depósito legal”, que continua a ser também o único fora de Portugal. Com um precioso catálogo bibliográfico que abarca títulos que vão do século XVI (incluindo um exemplar da edição *princeps* de *Os Lusíadas*) ao século XXI, constitui-se ainda como a maior biblioteca de temas portugueses fora de Portugal. Além de – frise-se – figurar em todas as listas que circulam na *web* das “bibliotecas mais bonitas do mundo”...

Frequentado desde sua criação por um público heterogêneo, mas com forte presença de intelectuais (sendo Machado de Assis um dos mais ilustres), são incontáveis as referências e os agradecimentos ao Real Gabinete em vários trabalhos científicos, publicados mesmo além do Rio de Janeiro. Se tal já se constatava desde seus primórdios, mais frequentes se tornaram a partir dos anos de 1960, com o incremento das Pós-Graduações nas universidades brasileiras, das quais a obrigatoriedade da pesquisa era indissociável. Agigantou-se, pois, o Real Gabinete como grande celeiro para atender às mais variadas demandas bibliográficas.

Nessa mesma altura, deu-se a implantação do “Centro de Estudos” no organograma da agremiação. E, se é verdade que logo fomentou e acolheu várias manifestações culturais nas suas dependências, certo é também que estas só se tornaram contínuas e sistemáticas a partir de 2001, quando o Centro de Estudos se desdobrou no PPLB – Polo de Pesquisas Luso-Brasileiras. Este, congregando professores, estudantes e pesquisadores das várias universidades do Rio de Janeiro, tornou-se seu braço executivo e passou a promover regularmente atividades científicas que não só davam conta de um panorama das pesquisas acadêmicas em curso, mas também incentivavam uma valorização do acervo do próprio Real Gabinete. Um primeiro exemplo foi a digitalização da coleção de manuscritos da casa (disponibilizada *on-line* no site [www.realgabinete.com.br](http://www.realgabinete.com.br)), graças ao financiamento da Fundação Calouste Gulbenkian, de Lisboa, que cedo percebeu a seriedade do grupo então formado. E foi esta mesma fundação que patrocinou, de 2004 a 2022, um programa de bolsas de pesquisa, gerido pelo PPLB, também primordialmente voltado para a exploração e divulgação do acervo da casa.

Entre cursos, seminários, publicações, colóquios, recitais, exposições etc., é muito extensa e variada a lista de realizações do PPLB ao longo de seus 22 anos de existência. Ao que parece, constitui caso

único mundial, pois desconhecemos outra biblioteca que tenha atrelado a si um centro de estudos/polo de pesquisas tão dinâmico e vigoroso. Ou seja, é mais uma singularidade ou pioneirismo a caracterizar o Real Gabinete Português de Leitura.

Quanto ao tema deste número da *Convergência Lusíada*, é imperativo referir que, de 2004 até 2022, foram atribuídas 56 bolsas de pesquisa a candidatos selecionados a partir das diretrizes contidas em edital específico, publicado anualmente. Os resultados obtidos pelos beneficiados, expressos em monografias-relatórios, avaliados por pares, foram, na sua quase totalidade, já publicados em outros espaços e, portanto, os que integram este número constituem apenas um exemplo do que o programa de bolsas vem realizando.

Assim, no dossiê temático, reúnem-se oito artigos que apresentam resultados de pesquisas recentes realizadas junto ao acervo do Real Gabinete Português de Leitura. Em “Representações identitárias, história e romance: apontamentos sobre a Geração de 1870 no Brasil e em Portugal”, a historiadora Maria Aparecida Rezende Mota analisa essas representações “no esforço de re(criar) suas respectivas nações”, destacando a importância “do imaginário social na construção simbólica da comunidade no interior de um *discurso* localizado social e historicamente.” O artigo seguinte refere-se ao primeiro trabalho de pesquisa que iniciou o referido programa de bolsas patrocinado então pela Fundação Calouste Gulbenkian, quando a professora Ida Alves (UFF/PPLB) transcreveu e estudou o conjunto de mais de 200 cartas de António Feliciano de Castilho a Camilo Castelo Branco que estão arquivadas no acervo de manuscritos e autógrafos do Real Gabinete. Os autores desse artigo, professores Eduardo da Cruz e Ana Comandulli, ex-coorientandos da referida pesquisadora e do professor da UERJ, Sérgio Nazar, também integrante do PPLB, apresentam quatro dessas cartas: três de António Feliciano de Castilho a Camilo Castelo Branco e uma de Castilho a Ana Augusto Plácido, datadas de

5 de fevereiro, 26 de março e 21 de julho de 1867, destacando em seus conteúdos “o lançamento do primeiro livro de Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921), *Uma Primavera de Mulher* (1867)” e “agradecendo e comentando o *Luz coada por ferros*”, obra de Ana Plácido que celebra 160 anos de publicação. O artigo seguinte, de Angela Telles e Raquel Lopes, descreve o trabalho de organização da Coleção de Fotografias do Real Gabinete Português de Leitura, com cerca de duas mil e seiscentas imagens, “que cobrem cem anos (1920-2020)”. As autoras demonstram como “o Real Gabinete cumpria a finalidade de marco arquitetônico da história de Portugal na cidade do Rio de Janeiro, de celebração de uma narrativa histórica de união Brasil-Portugal.”

Seguem-se ainda três artigos assinados por pesquisadores que integram, no âmbito do Real Gabinete Português de Leitura, uma equipe (docentes e bolsistas) dedicada ao levantamento biobibliográfico de escritoras portuguesas do século XIX, estudando suas trajetórias de vida e de produção literária. Com a leitura desses três estudos, o leitor interessado acompanhará questões de gênero na poesia de Maria Adelaide Fernandes Prata (1822-1881), a prosa de Efigênia do Carvalhal (nascida em 1839) e “a educadora, intelectual e feminista portuguesa Mariana Teixeira Coelho” (nascida em 1879).

Um outro projeto de pesquisa desenvolvido no âmbito do Real Gabinete em parceria com a FAPERJ, “Paisagens em Movimento: Rio de Janeiro e Lisboa”, também gerou diversas publicações em livros e revistas acadêmicas, além do site que pode ser acessado em <http://www.paginasmovimento.com.br/>. Neste dossiê, apresentam-se dois trabalhos mais recentes: “Milhas de angústia no Rio implacável de Clarice e na Lisboa de Ruffato” e “A obra de Fernando Namora em movimento”. Com abordagem que privilegia os estudos contemporâneos sobre paisagem e geografia literária, suas autoras abordam como a experiência cidadina se configura em obras de Clarice Lispector, Luis Ruffato e no português Fernando Namora.

Esses estudos, como referimos, representam apenas um recorte do muito que foi desenvolvido até o momento. O programa de bolsas continua e neste 2023 mais seis bolsistas iniciaram novas pesquisas com a utilização do rico acervo bibliográfico do RGPL. Esperemos as próximas publicações com seus resultados.

Na seção “Vária” deste número, foram selecionados para publicação seis artigos que revelam também pesquisas aprofundadas realizadas em outros espaços universitários sobre autores portugueses e africanos: abrimos com o estudo de Fabio Mario da Silva, o qual examina textos de Florbela Espanca (poesia e prosa) não publicados em seus livros, para entender seu processo artístico e projetos poéticos. A seguir, Thaís Silveira examina em “*close reading*” o poema “Os estivadores”, de Ruy Belo, publicado em *Homem de palavra(s)*, seu quarto livro de poemas, buscando, sobretudo, demonstrar o trabalho oficial do poeta e sua atenção ao real cotidiano. Paula Campello, em “O inconveniente cotidiano diante do salazarismo: *As casas*, de Luiza Neto Jorge, contra os fundamentos da *Casa Portuguesa*”, apresenta interessante análise da série de poemas “As casas”, confrontando essa leitura com políticas e propaganda do Salazarismo. Isso leva a autora a discutir também “a proposta estética do arquiteto Raul Lino, que no livro *A Casa Portuguesa* descreve as casa populares lusitanas como o produto de um suposto ‘sentir português’, afeito à simplicidade.” Oscar Neto, no artigo seguinte, trata da obra de António Botto em seu período de exílio no Brasil (1947-1959), observando “uma ambivalente e contraditória maneira de refletir as questões sociopolíticas de seu contexto histórico”. Já o artigo “Ginga ou jinga, rei ou rainha: o pluriversal em dois romances pós-coloniais angolanos”, assinado por quatro coautores e em diálogo com a literatura colonial portuguesa, “analisa representações sobre a rainha Jinga em dois romances angolanos, *A gloriosa família*, de Pepetela (1997), e *A rainha Ginga*, de Agualusa (2015), discutindo modos de representação da identidade de gênero de Jinga, suas habilidades guerreiras e diplomáticas, sua maneira de governar e lidar

com o tráfico de pessoas escravizadas”. Fechamos essa seção com o artigo de Paulo Alberto da Silva Sales sobre um livro bastante provocativo da escritora portuguesa contemporânea Patrícia Lino, que em *O Kit de Sobrevivência do Descobridor Português no Mundo Anticolonial*, “a partir da perspectiva da transcontextualização irônica presente na reescrita paródica”, descobriu “lugares de fala heteronormativos que revelam, além da homofobia, a misoginia, o racismo e a xenofobia.”

Compõem ainda o sumário duas resenhas: uma sobre a obra *Grande turismo*, romance de estreia de João Pedro Vala, e *Misericórdia*, romance da consagrada escritora Lída Jorge, ambos publicados em 2022.

Por fim, sendo este o primeiro número da *Convergência Lusíada* a vir à luz depois que nos deixou a Professora Doutora Cleonice Berardinelli (1916-2023), uma referência incontornável dos estudos portugueses no Brasil e sempre muito ligada ao Real Gabinete ao longo de sua carreira, pareceu-nos imprescindível uma seção em sua homenagem. Para tanto, aqui transcrevemos quatro manifestações de colegas da UFRJ e da PUC-Rio, casas especiais da inesquecível Professora Emérita.

Que esta reunião de pesquisas e resultados provoque novos interesses de leitura!

Gilda Santos

Universidade Federal do Rio de Janeiro / PPLB

Tania Bessone

Universidade do Estado do Rio de Janeiro / PPLB